

A Pólis entre 10 Filósofos com David Erlich Parte I – Da pólis de Platão à realpolitik de Maquiavel

written by Rui Paulo Costa | 22 de Fevereiro, 2025



A Filosofia como Pilar da Política

Desde logo, na revista MAGAZINE CULTURAL do El Corte Inglés, onde decorre este curso, é nos dada, em jeito de introdução, uma reflexão sobre a importância da filosofia na organização política através de uma citação de André Comte-Sponville: ***“Para que pode servir a filosofia contemporânea? Para viver juntos da melhor maneira: no debate racional, sem o qual não existe democracia, na amizade, sem a qual não existe felicidade, finalmente na aceitação, sem a qual não existe serenidade.”***

Ancorado na figura de dez pensadores incontornáveis, David

Erlich procura destacar as tensões que moldaram a política ao longo da história, que, nesta **primeira parte**, vão desde as ideias utópicas de Platão até à pragmática abordagem de Maquiavel.

Platão e a Utopia da República

Platão surge como um dos primeiros grandes teóricos da política ocidental. A sua obra “A República” apresenta uma visão idealista da sociedade, defendendo um governo dos sábios. ***“Platão funda o género utópico com ‘A República’. Nessa obra, defende que a cidade ideal deveria ser governada por filósofos, os únicos capazes de alcançar o Bem supremo”***, referiu David Erlich.

A famosa **Alegoria da Caverna** foi lida e analisada durante a sessão, destacando a visão platónica sobre a realidade e o conhecimento. Os participantes foram convidados a encenar a passagem, trazendo à vida a interação entre Sócrates e Glauco.

A cidade ideal platónica está estruturada em **três classes**: os governantes-filósofos, os guerreiros e os trabalhadores. Platão enfatiza a educação como meio para alcançar a justiça, garantindo que cada cidadão desempenha a função para a qual tem mais aptidão. Esse conceito de especialização reflete-se no seu modelo de governo, no qual apenas aqueles com conhecimento verdadeiro devem tomar decisões políticas.

Aristóteles e a Política como Ciência

Aristóteles, discípulo de Platão, apresenta uma visão mais pragmática. A sua obra “Política” classifica os regimes e propõe uma análise empírica da organização das cidades. ***“Se Platão é o pai da filosofia política, Aristóteles é o pai da ciência política. Ele analisa as constituições das cidades e estabelece critérios racionais para avaliar os diferentes regimes”***, afirmou o professor.

A distinção entre **o governo de um, de poucos e de muitos** foi

debatida, bem como a noção aristotélica de virtude e cidadania. Aristóteles argumenta que o governo ideal deve encontrar um equilíbrio entre os interesses coletivos e individuais, distinguindo entre monarquia, aristocracia e democracia. Apesar de valorizar a participação política, Aristóteles alerta para os perigos da demagogia e da tirania.

Além disso, a sua ideia de “homem como animal político” reforça a necessidade da polis como espaço essencial para o florescimento humano. A política, segundo Aristóteles, deve servir o bem comum e não os interesses particulares.



Foto FILIPE ARRAIS

A Influência de Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino

A transição para a Idade Média trouxe a influência do pensamento cristão na política. **Santo Agostinho** introduziu a ideia de uma cidade terrena imperfeita, em contraste com a cidade divina. ***“Agostinho vê o mundo como um local de passagem. A política não pode criar um paraíso na Terra, pois a verdadeira justiça só existe na cidade de Deus”***, explicou David Erlich.

Já **Tomás de Aquino** conciliou Aristóteles com a teologia cristã, defendendo a importância da lei natural na organização da sociedade. O pensamento tomista coloca Deus como fonte

última de autoridade, mas reconhece a necessidade de estruturas políticas organizadas de forma racional.

Ambos os pensadores influenciaram a concepção do governo medieval, introduzindo **a ideia de um poder legitimado pela fé**, mas que também deveria respeitar princípios racionais e éticos.

Thomas More e a Utopia Moderna

O conceito de utopia ganhou uma nova forma com Thomas More, cuja obra homônima descreve uma sociedade ideal. ***“Se Platão imaginou uma cidade perfeita governada por filósofos, Thomas More projetou uma ilha onde a harmonia e a racionalidade determinam a vida em comunidade”***, destacou David Erlich.

Thomas More, no entanto, não via a sua “Utopia” como um plano político viável, mas antes como uma crítica à sua própria sociedade. A sua proposta era uma resposta à corrupção e desigualdade da Inglaterra renascentista, questionando a possibilidade de um sistema alternativo baseado na igualdade e na ausência de propriedade privada.

A influência de More estendeu-se até aos debates modernos sobre **socialismo e comunismo**, mostrando a perenidade da questão utópica na política.

Maquiavel e a Realpolitik

Esta primeira parte do curso culmina com Nicolau Maquiavel, cuja obra “O Príncipe” rompe com a tradição idealista. ***“Maquiavel separa a política da moral. Para ele, o governante deve focar-se na eficácia, e não em ideais inalcançáveis.”***, afirmou o também escritor.

A célebre máxima **“os fins justificam os meios”** foi debatida, com ênfase na influência de Maquiavel no pensamento político moderno. A sua visão realista da política enfatiza a necessidade de adaptação às circunstâncias e o uso estratégico

do poder. Em oposição à tradição cristã, Maquiavel argumenta que a política deve ser avaliada pelos seus resultados e não por princípios morais absolutos.

A sua obra influenciou profundamente líderes ao longo da história, sendo frequentemente citada em contextos de governança pragmática e estratégias de poder.

Entre Utopia e Realismo

O curso “A Pólis entre 10 Filósofos”, nesta primeira metade, proporcionou uma viagem intelectual pela história da filosofia política. Desde a utopia de Platão à realpolitik de Maquiavel, ficou patente a complexidade do pensamento político e a sua relevância para os desafios contemporâneos. A análise dos filósofos abordados permitiu compreender como as ideias moldaram sociedades e continuam a influenciar a política global.

Ao longo das sessões, os participantes irão poder refletir sobre os valores que sustentam as sociedades, as diferentes concepções de justiça e os desafios que cada modelo político apresenta. **Este curso reafirma a necessidade do pensamento crítico na política, num momento em que as democracias enfrentam novos desafios e a filosofia continua a ser uma ferramenta indispensável para compreender e transformar o mundo.**



Foto FILIPE ARRAIS

Na peça da próxima semana, **parte II**, iremos refletir sobre o pensamento político dos três autores contratualistas, Thomas Hobbes, John Locke, Jean-Jacques Rousseau.

OC/RPC